

A kenosis de Cristo como demonstração do amor do Pai

Christ's kenosis as a demonstration of the God's love

*Matheus Silva Castro¹
Círio Alessandro Jacinto²*

Resumo: Na sociedade hodierna, vê-se a ausência de sentido da vida, da falta de referência para a vivência da doação ao outro e das características que compõem o sentido do verdadeiro amor, principalmente do entendimento do amor em Deus. Buscar entendê-lo, por meio do seu processo de kénosis, é uma forma de aproximar-se dele e de compreender a forma com que esse amor nos foi comunicado. A kénosis de Deus é um tema central na teologia cristã que revela o amor profundo e a autodoação de Deus pela humanidade. A palavra kénosis é usada para expressar a realidade de Jesus Cristo, que humilhou-se e aniquilou-se para assumir a condição humana e de servo. Esse trabalho tem como objetivo identificar de que forma se dá o amor de Deus a partir do seu processo de auto humilhação, ou seja, por meio da kénosis e como podemos entendê-lo.

Palavras-chave: Kénosis. Amor de Deus. Comunicação de Deus.

Abstract: In today's society, we can observe the absence of meaning in life, the lack of reference for selfless giving to others, and the understanding of the characteristics that constitute true love, especially in the context of God's love. Seeking to understand God's love through His process of kenosis is a way to draw closer to Him and comprehend how this love has been communicated to us. The kenosis of God is a central theme in Christian theology that reveals the profound love and self-giving of God for humanity. The term kenosis is used to express the

Recebido em 27 de janeiro de 2024

Aceito em 12 de março de 2025

¹Aluno do Departamento de Teologia do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto – CEARP, e-mail: matheus-s-castro@hotmail.com.

² Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Docente no Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto – CEARP, e-mail: cirioalessandro@gmail.com

reality of Jesus Christ, who humbled Himself and emptied Himself to assume human and servant-like nature. The purpose of this work is to identify how God's love manifests through His process of self-humiliation, that is, through kenosis, and how we can comprehend it.

Keywords: Kenosis. Love of God. Communication of God.

Introdução

Com a perda dos valores e referenciais cristãos vivida hodiernamente, o homem, muitas vezes, não consegue entender o sentido da humilhação, do aniquilamento de si e da doação ao outro, como forma da vivência do amor.

Nesse trabalho, busca-se identificar de que forma se dá o amor de Deus a partir do seu processo de auto humilhação, ou seja, por meio da kénosis. Para alcançar esse objetivo, examina-se a forma como se dá o movimento kenótico em Deus, para posteriormente entender a sua comunicação por meio da pessoa de Jesus Cristo, o Verbo encarnado, e verificar como Ele demonstra seu amor pela sua criatura.

Buscar entender o amor de Deus, por meio do seu processo de kénosis, é uma forma de aproximar-se dele com maior dignidade e integridade, um modo de relacionar-se intimamente com aquele nos amou por primeiro. Com igualdade, como um filho busca estabelecer uma relação amorosa com os pais, assim também deve ser nossa relação para com Deus, buscando identificar a gênese do seu amor para com a humanidade e todos os atos que o demonstram.

Haja vista tantos problemas enfrentados na sociedade pela falta do entendimento real e do sentido da palavra amor, ao olhar o amor de Deus, e todo o autoaniquilamento que Ele realizou para exprimi-lo, o homem possa, assim, compreender qual deve ser o seu modo de agir e a necessidade de se aproximar do seu criador.

A kénosis de Deus é um tema central na teologia cristã que revela o amor profundo e a autodoação de Deus pela humanidade. A partir da expressão "Deus é amor", proclamada por São João, destaca-se o amor como o maior atributo divino. A palavra kénosis é usada para expressar a realidade de Jesus Cristo, que humilhou-se e aniquilou-se para assumir a condição humana e de servo. Essa kénosis não se limita apenas a Jesus, mas também é encontrada na Trindade, na qual o amor transborda entre as relações das três Pessoas divinas.

1. A kénosis de Deus

De todos os atributos que se pode destacar de Deus, o maior de todos eles é o anunciado claramente por São João, destacando que "Deus

é amor”³, e que é de fato Ele que nos amou por primeiro, desde o início da criação, nos fazendo à sua imagem e semelhança.

O profundo ser de Deus é o amor pela sua criação, em que Ele se esvazia para gerar, criar e salvar, faz da nossa história a Sua história. Para isso, destacam-se as palavras de Paulo à comunidade de Filipos: “Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo.”⁴

Esse esvaziamento e despojamento recebe o nome de kénosis. Segundo Santos e Xavier⁵, kénosis é esvaziar, extenuar, reduzir a nada, estado de humilhação, utilizada no Novo Testamento para expressar a realidade de Jesus Cristo, Verbo de Deus, que sendo a Segunda Pessoa da trindade, humilhou-se e aniquilou-se a assumir a condição humana e de servo.

Na visão dos autores, o termo kénosis foi tratado na Patrística como movimento, dinamicidade de Deus que vai ao encontro do humano; e, pelos orientais como o conhecimento que se dá por meio do relacionamento, conjecturando que Deus só pode ser conhecido, e conhecer o humano, por meio do encontro e do relacionamento. Kénosis é o sair de si sem deixar de ser o “si” mesmo. É um auto-esvaziamento. É esvaziar-se para se encontrar no outro, sem perder a própria identidade⁶.

O movimento kenótico não se dá somente com a pessoa de Jesus Cristo, mas na Trindade, caracterizada como kénosis ad intra, no Deus em si mesmo, ato primordial e original, no qual o amor não se contém e transborda entre as relações das três Pessoas da Santíssima Trindade. Nele, o Pai se esvazia da sua condição para se encontrar com o Filho, porém, sem deixar de ser Pai. O Pai só é Pai em relação ao Filho, e o Filho se esvazia para encontrar com o Pai, sem deixar de ser Filho. O Espírito Santo é o próprio amor kenótico dissimulado de seu ser para ser o amor entre o Pai e o Filho⁷. Urs von Balthasar⁸, coloca a autoexpressão do Pai na geração do Filho como sendo a primeira kénosis intradivina, que abraça todas as outras, no momento em que o Pai se desapropria da sua divindade e a transapropria ao Filho, participando com Ele e dando-Lhe tudo de si.

³ 1 Jo 4,8.

⁴ Fl 2,6-7.

⁵ SANTOS, E.; XAVIER, D. J. A descida do Deus Trindade – a kénosis da Trindade. *Revista de cultura teológica*, v. 16, n. 62, p. 111-123, jan./mar. 2008.

⁶ SANTOS E XAVIER, 2008, p.114.

⁷ SANTOS E XAVIER, 2008.

⁸ MORBACH, C. L. *O silêncio de Deus: a teologia do sofrimento em Hans Urs von Balthasar*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.197. 2019.

Para Koubetch9, “O amor do Pai é fonte agápica inexaurível, princípio da unidade das pessoas divinas, de toda criação, salvação [e de todo movimento de descida, de humilhação, de toda kénosis da Trindade”. O que se dá é a kénosis de Deus, uma autolimitação e autorreclusão em si mesmo para sair de si e criar o outro, ou seja, antes de ser “para fora”, se realiza um movimento “para dentro”, se retraindo. Dito de outro modo:

[...] cada estágio no movimento da criação envolve um ato para dentro que possibilita o exterior. Portanto, Deus cria, sempre e continuamente, tanto para dentro como para fora. Ele cria na medida em que e porque se retrai. A criação poderosa no caos e a partir do nada, é igualmente um auto rebaixamento de Deus, em sua própria impotência. A criação é uma obra da humildade divina e do recolhimento de Deus para dentro de si. Deus atua em si mesmo quando age criando-o.

Deus é aquele que se doa inteiramente, eternamente, esvaziando-se de si mesmo e doando-se ao outro por meio de uma perfeita relação de amor. Encarna-se por meio do Verbo, “tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte de uma cruz”¹¹. Com essa íntima relação, caracterizada como amor solidário à vontade do Pai e do Filho, que culmina na morte do Filho, há o mais profundo esvaziamento, *kénosis*, Deus sofre com a sua criação e se entrega, redimindo-a.

Para Sampaio, a entrega do Filho não foi algo meramente ocasional e, muito menos um simples abandono da parte do Pai, mas afirma que:

o projeto do Pai estava em íntima sintonia com o do Filho. A entrega livre e consciente do Filho revela, além da plena harmonia e consonância entre as pessoas da Trindade, que o Pai de Jesus não é o Deus sádico, mas o puro amor; que faz da violência bruta e quase “perfeita” da cruz a plenitude do bem, da vida, tornando a cruz o símbolo mais preciso do amor. Do pecado à libertação, da fraqueza a força, da morte a vida e da maldade da

⁹ Koubetch, V. *Da criação a parúsia – linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 89.

¹⁰ Moltmann, J. *Trindade e Reino de Deus – uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 121.

¹¹ Fl 2, 7-8.

cruz a solidariedade do amor apaixonado e sofredor do *pathos* de Deus¹².

A autodoação do Pai, que se entrega como ação de graças por meio do Filho, e, representado em seu amor absoluto pelo Espírito Santo, se abstém de tudo o que é e pode, a fim de gerar um Deus consubstancial. O Pai não anseia a divindade somente para si, mas a transmite inteiramente ao Filho, como demonstração do amor, sendo que o Filho poderia usurpar dessa divindade para si, mas Eles se fazem um, como destaca o Evangelho de João: “Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. [...] Quem me vê, vê o Pai”¹³.

A encarnação do Verbo é a *kénosis* de distanciamento com o Pai, que sofre por se afastar do seu amor, sofrimento esse que já existia no Pai. Para Morbach:

[...] a *kenosis* de Cristo não significa, de modo algum, o abandono de seu ser-Deus: a encarnação é uma mudança de forma e não de essência. Logo, a *kenosis* não é, simplesmente, um auto aniquilamento, mas um entrar em sincronia com a existência finita para, vivendo sob as suas limitações, compartilhar e sofrer as mesmas dores e vicissitudes que o homem histórico vive e sofre. No momento da cruz o próprio Deus assume o homem, bem como as consequências do pecado e da injustiça em todas as suas dimensões¹⁴.

Vê-se, portanto, o Filho que se auto-humilha, como o crucificado, esvaziando-se de sua divindade e assumindo para si os desígnios do Pai, fazendo-se pecado pelos que são pecadores. Sua *kénosis* na cruz revela o Deus que nada mais é, do que amor, que cria, salva e leva toda a criação para dentro do seio da Trindade, onde “aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele”¹⁵.

A vontade do Pai é levada até as suas últimas consequências, mostrando a profunda comunhão do Pai e do Filho, na cruz, onde o Pai sofre com o Filho, mostrando o amor de um para com o outro. Sampaio, apresenta que:

¹² SAMPAIO, R. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. p. 159. 2017, p. 68.

¹³ Jo 14, 7.9.

¹⁴ MORBACH, 2019, p 88.

¹⁵ 1Jo 4, 16.

[...] esse processo, caminho de descida, percorrido por Jesus possui duas classificações possíveis: a) classificação negativa, onde o autor do processo não é o responsável por ele. Foi submetido contra sua vontade, violentamente, à humilhação; e b) classificação positiva, em que o autor, a vítima, do processo de humilhação é o sujeito da ação. Se entrega livre e conscientemente, sem pretensões maiores, revelando a pura solidariedade do amor. [...] em seu caminho de descida vai às últimas consequências: morte de cruz, livre e conscientemente revelando o ser profundo de Deus – amor solidário¹⁶.

Na visão de Feiner e Loehrer¹⁷, “a quenose do Filho de Deus em sua encarnação e, sobretudo, na paixão será sempre um mistério não menos insondável que a Trindade das pessoas no Deus único”. Contudo, haja vista a afirmação do amor incondicional de Deus na trindade, e pelas suas criaturas, a segunda conjectura de Sampaio se faz parecer mais plausível, por considerar o livre arbítrio do Filho em escolher a vontade do Pai e por estar em consonância com a afirmação de Cristo no Horto das Oliveiras “seja feita a tua vontade”¹⁸, onde sua obediência de Filho, Verbo encarnado, se traduz num amor livre e terno para com o Pai.

Considera-se que todas as formas de rebaixamento de Deus na economia da Salvação tomam como base o amor infinito da Sua parte. Na visão de Urs von Balthasar, a *kénosis* deve ter como chave de leitura a questão trinitária, desde a encarnação de Jesus até a sua crucificação, pois para ele

somente na perspectiva trinitária que se faz luz sobre o problema da mutabilidade e da imutabilidade do Deus que, permanecendo sempre imutavelmente amor é, inelutavelmente, quenose de infinitas, inesperadas e inimagináveis formas, entre as quais a da cruz de Cristo. Ousamos mesmo dizer que Deus é a imutável mutabilidade infinita do amor¹⁹.

2. A comunicação de Deus no movimento kenótico

¹⁶ SAMPAIO, 2017, P. 68.

¹⁷ FEINER, J. LOEHRER, M. *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica*. Vol. III/6: *Mysterium Paschale*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 20.

¹⁸ Mt 26,39.

¹⁹ RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale: A quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 21.

O esvaziamento de Jesus se dá como uma forma de apresentação da Trindade, bem como do seu infinito amor, mostrando que ele sempre esteve em seu coração e que por ele todas as coisas foram criadas, convidando-nos a sermos participantes desse amor.

A encarnação marca o início do processo de autocomunicação de Deus por meio da *kénosis* de Jesus, como destaca a Dei Filius, citando Hb 1,1²⁰: “Havendo Deus outrora falado aos pais pelos profetas, muitas vezes e de muitos modos, ultimamente, nestes dias, falou-nos pelo Filho”. O Filho, que existia na forma de Deus, esvazia-se ao assumir a forma de servo, encarnando-se completamente na humanidade, exceto pelo pecado. A encarnação representa o primeiro passo desse processo, que culmina no sacrifício na cruz, revelando e autocomunicando o ser amoroso de Deus mesmo no desprezo sofrido na cruz.

Nesta visão, Sampaio mostra que

sendo Jesus o *logos* de Deus: segunda pessoa da trindade, toda a atuação de Jesus é marcada pela participação das outras pessoas divinas: Pai e Espírito. Portanto, o Filho de Deus encarnado na história revela o ser profundo da trindade na economia da salvação²¹.

No Evangelho, fica evidenciada essa participação da Trindade, na pessoa de Jesus Cristo, como no momento de seu batismo, onde Jesus “logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: “Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo”²², e quando Jesus afirma “se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e vistes. [...] Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai?’”²³.

Essa relação filial de Jesus para com Deus Pai é lembrada durante toda a sua vida pública, inclusive no momento da sua crucificação, onde o centurião professa “verdadeiramente este homem era filho de Deus”²⁴.

Com a encarnação do Verbo, durante sua vida de humildade e serviço, na Eucaristia e na cruz, podemos testemunhar a totalidade da autoadoção de Deus. Por meio dEle, o Pai se aproxima da humanidade, cumprindo todas as suas promessas e estabelecendo seu plano de vida completo. Nele, Ele se torna servo e se entrega por amor; nele, o Espírito Santo se torna pequeno e simples para se unir ao ser humano. Em Jesus,

²⁰ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI FILIUS (DF). 1870. Disponível em: < https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/index_po.htm >. Acesso em: 7 de junho de 2023.

²¹ SAMPAIO, 2017, p. 21.

²² Mc 1, 10-11.

²³ Jo 14, 7. 9-10.

²⁴ Mc 15, 39.

podemos enxergar, sentir e vivenciar o Deus que se autodoa. O Pai é a origem da ação da *kénosis* de Deus e o Filho, a sua plena realização.

Nesse sentido, Santos e Xavier apresentam que

tem-se o costume de olhar só para a cruz para ver o amor, a humilhação, a aniquilação, a oblação, em resumo, o abandono de Jesus aos homens. Mas esse amor pleno não se dá somente na cruz; ele tem seu cume na cruz, porém se revela já na criação, e na encarnação mostra sua plenitude. É a descida de Deus ao humano, que continua até nossos dias e ficará para sempre através do Espírito²⁵.

Com a analogia destacada nas Sagradas Escrituras, Deus constantemente convida a humanidade a mergulhar em sua intimidade mais profunda, a fim de renascer e elevar-se em direção a Ele. É Ele quem dá o primeiro passo ao encontro do ser humano. É Ele mesmo quem desce em primeiro lugar, despojando-se, aniquilando-se e, então, aproximando-se da humanidade para demonstrar como ela pode descer em si mesma.

Dessa forma, embebido pelo amor do Pai, Jesus, verdadeiro amor, comunica aos homens os atos que devem realizar em sua vida, o ensinamento que Ele mesmo deu por primeiro, a fim de ser o mestre, o exemplo a ser seguido. Quando nos transmite o seu novo mandamento “que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros”²⁶, deixando claro que Ele nos amou por primeiro e nos deu o exemplo de como deve ser esse amor.

O amor criador, que transcende a si mesmo em direção ao outro criado por esse amor ininterrupto, conduz a uma história na qual Deus participa e se comunica amorosamente. Sua autocomunicação amorosa é caracterizada pela paixão em comunicar o bem. Envolve o movimento de sair de si mesmo, transferir-se para outro ser, participar desse ser e entregar-se a ele. Em essência, a autocomunicação “onde o amor deseja viver e dar a vida, [...] deseja abrir a liberdade à vida”²⁷.

As chagas de Jesus são evidências da sua solidariedade incondicional com os seres humanos, uma solidariedade que o levou ao sacrifício na cruz. A cruz de Jesus reflete de forma brutal o mal e a violência presentes no mundo, tanto no tempo de Jesus como no mundo atual. O mistério da Páscoa vivido pelo Filho encarnado revela plenamente e definitivamente que Deus é amor. A centralidade da encarnação na paixão, do ponto de vista divino, demonstra que Deus

²⁵ SANTOS E XAVIER, 2008, p. 116.

²⁶ Jo 13, 34.

²⁷ MOLTMANN, 2011, p. 70.

escolheu experimentar a existência humana por dentro, a fim de elevar e salvar a humanidade.

A teologia do *pathos* desempenha um papel crucial na compreensão da cruz como a autocomunicação completa da *kénosis*, da autodoação, do profundo ser trinitário de Deus, que ama e sofre com o Filho, fazendo-se próximo ao seu povo, partilhando dos mesmos sentimentos que eles. Sampaio salienta que

o Pai participa com o Filho dos sofrimentos do evento pascal, no entanto, de forma diferente: enquanto o Filho sofre a paixão e a morte o Pai sofre com a paixão e a morte do Filho. Ou seja, o Pai é solidário no sofrimento com o Filho que sofre injustamente acolhendo e libertando todos os injustiçados²⁸.

É na crucificação de Jesus que a Trindade vivencia a máxima fraqueza, distância e fragilidade. Deus mergulha na experiência da humanidade, tornando-se "divindade humanizada". Por outro lado, na cruz, a humanidade se eleva e compreende sua verdadeira natureza ao experimentar, desde dentro, o amor compartilhado pela Trindade, que se torna o seu refúgio. Nessa experiência do amor trinitário revelado na cruz, a humanidade é transformada em "humanidade divinizada".

Nessa autocomunicação de Deus, de forma livre amorosa, se evidencia a experiência da *Kénosis* de Deus, comunicação essa que se caracteriza como fundamental para a construção da sua própria essência. O homem, por outro lado, é o resultado dessa autocomunicação, criado para ter a capacidade de experimentar Deus, sendo então o evento da sua livre autocomunicação, que vai desde a criação ao esvaziamento pleno na cruz.

O fato da existência da Teologia cristã baseia-se na autocomunicação de Deus Trino, haja vista que o objeto de estudo dessa área do conhecimento se dá exclusivamente para o estudo da relação das coisas em relação a Deus, do Deus que se fez conhecer por meio do Filho. Schneider explana essa visão quando apresenta que a

Teologia cristã somente existe pelo fato de haver a experiência da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo e no Espírito Santo. Essa autorrevelação de Deus é, portanto, uma categoria transcendental, isto é, que determina a teologia enquanto condição de sua possibilidade, ou seja, ela é uma qualificação

²⁸ SAMPAIO, 2017, p. 35.

fundamental de toda e qualquer teologia em sentido bíblico e cristão²⁹.

Dessa forma, vê-se a necessidade da autocomunicação de Deus, por meio da encarnação do Verbo, pois mesmo que já houve a realização de uma *kénosis* interna em Deus, por meio da relação da Trindade, essa não é suficiente, principalmente para a demonstração do amor de Deus. Para isso, decorreu a vinda do Filho, para realizar a autocomunicação do Pai, para dar pleno cumprimento à Lei dos profetas³⁰, e fazer prevalecer a lei do amor, do qual Deus é o primeiro exemplo.

3. A compreensão do amor de Cristo

Deus é em sua essência amor, que emana infinitamente por meio das suas três pessoas, pela entrega do Pai na eterna geração do Filho, na instituição da Eucaristia; e, no amor do Espírito, que une e transborda as três pessoas. Deus realiza o movimento kenótico como pressuposto para a salvação e redenção da *kénosis* trinitária que se realiza em Jesus Cristo. Para Morbach no amor de Deus

reside toda a essência e revelação possível de Deus mesmo, toda sua verdade e sabedoria, toda sua beleza e glória. Assim, quando a pessoa do Filho assume a figura humana para, salvando os homens, revelar quem é Deus, ele revela o amor. Desse modo, na medida em que Cristo se dá a conhecer e se manifesta como o Filho do Pai, num sentido que o distingue dos outros homens, o Deus escondido se revela nele até o mais profundo, sem deixar, no entanto, de ser Deus³¹.

A encarnação do Filho de Deus se dá por amor aos homens, levando sua criação à plenitude por meio da sua *kénosis*. Esse amor criador o comprime a fim de que a finitude do mundo possa de fato existir na eternidade, por meio do esvaziamento do Filho, da sua total entrega, do seu distanciamento do Pai para encontrar a nossa humanidade e se fazer homem como a criação, exceto no pecado, desse modo, “a encarnação do Filho encontra o seu sentido no ser-homem verdadeiro do Filho, então nele se revela a verdadeira humanidade de Deus”³².

Para que se estabeleça uma relação de amor é necessária a existência de dois personagens na relação, um que ama e o que recebe o amor, amante e o amado, necessitando então, de uma correspondência.

²⁹ SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*. V. II. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 41.

³⁰ Mt, 5,17.

³¹ MORBACH, 2019, p. 37.

³² MOLTSMANN, 2011, p. 128.

Santo Agostinho, no livro *Confissões*, exprime a máxima “só amamos aquilo que conhecemos”, sendo talvez esse um dos motivos para a encarnação do Verbo, pois é por meio dela que Deus se faz conhecer, e pela qual passamos a crer e a amar.

A fim de que se estabeleça uma relação de amor, o homem deve se auto-identificar, deve ter para tal o reconhecimento da semelhança para o estabelecimento do amor, por isso Cristo veio ao mundo na forma de homem, semelhante a nós, para que possamos ver nele as mesmas características pertencentes à nossa natureza, onde

aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, tem acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina³³.

O amor divino manifesta-se de maneira tão fascinante que nele irradia a palavra e a resposta, cujo significado se revela exclusivamente por meio da entrega da pessoa infinita à pessoa finita. Nesse encontro, ocorre simultaneamente a resposta potencial da pessoa finita à infinita, uma doação cujo cerne e substância são representados pelo amor.

Ao encontrar o fascínio no amor de Cristo, o homem experimenta-o e se vê semelhante ao amado, além de experimentar que não é possuidor do verdadeiro amor, por se ver de forma infinita, pecadora e egoísta. Para Moltmann, o amor

é a capacidade de autodistinção e autoidentificação, e é desse processo que ele nasce. Quanto mais profunda for a autodistinção, tanto mais desprendida será a autocomunicação. Quando dizemos: “Deus ama o mundo” (Jo 3, 16), estamos a significar a autocomunicação divina com o mundo, em virtude da sua autodistinção e autoidentificação. Ao dizermos: “Deus é amor”, de fato dizemos que Ele, desde toda eternidade, é esse processo de auto diferenciação e autoidentificação³⁴.

É possível compreender a *kénosis*, desde a encarnação até a sua crucificação, como um ato que revela o profundo amor do ser divino. Ao descer, Deus almeja permitir-nos participar plenamente de Sua vida

³³ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM (DV). In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1971.

³⁴ MOLTSMANN, 2011, p. 71.

trinitária de amor, não se limitando a descer apenas em resposta ao pecado cometido por Sua criatura, com o propósito de restaurar a ordem ou pagar um preço pela desobediência, mas mostrar-nos evidentemente o seu amor.

Em sua despedida, já na Ceia da instituição da Eucaristia, Jesus Cristo ensina a prática do amor. Após lavar os pés dos discípulos, ato de rebaixamento, igualando-se novamente a condição de servo, dá a eles um novo mandamento “que vos amei uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros”³⁵. Esse amor é posteriormente destacado no momento da cruz, diante de todos exaltando “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem”, mostrando a sua compaixão e amor pela humanidade, e a aceitação do projeto divino para a plena manifestação do seu amor, pois “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”³⁶.

Assim evidencia a compreensão do amor de Cristo, aquele que se fez homem para que o seu Ser fosse conhecido por todos, e sua vida o exemplo a ser seguido por todas as gerações. Para que houvesse a compreensão do amor infinito de Deus, que não cabendo em Si, se humilhou e rebaixou, para que seu amor fosse comunicado à toda a humanidade. Para mostrar que o amor não se dá somente na exaltação, mas que em determinadas circunstâncias ele perpassa pelo rebaixamento, pela *kénosis*.

Considerações finais

Deus é caracterizado principalmente pelo amor, sendo Ele quem nos amou primeiro e nos fez à Sua imagem. A *kénosis*, que é o esvaziamento e despojamento de si mesmo, é uma expressão desse amor de Deus. Esse movimento kenótico não se restringe apenas a Jesus Cristo, mas também ocorre na Trindade, onde o Pai se esvazia para encontrar o Filho, e o Filho se esvazia para encontrar o Pai, mantendo sua identidade. A *kénosis* é a autodoação de Deus, que se entrega completamente ao outro por meio de uma relação de amor perfeito, e é por meio da encarnação e da morte de Jesus que Deus se revela e redime a humanidade.

A *kénosis* de Deus é um processo de autolimitação e autorreclusão, em que Ele se esvazia de Si mesmo para criar o outro. A criação é um ato de humildade divina e um recolhimento de Deus para dentro de Si mesmo. O amor do Pai é a fonte de unidade entre as pessoas da Trindade e é por meio dessa entrega amorosa que a divindade é transmitida ao

³⁵ Jo 13, 34-35.

³⁶ Jo 15, 13.

Filho. A encarnação do Verbo é uma *kénosis* de distanciamento com o Pai, em que Deus sofre por se afastar do Seu amor. Na cruz, o Filho se humilha e assume os desígnios do Pai, revelando o amor profundo de Deus, que cria, salva e leva toda a criação de volta à comunhão da Trindade. A *kénosis* é um mistério que reflete o amor incondicional de Deus e a solidariedade do Seu amor.

Jesus, como segunda pessoa da Trindade, esvazia-se ao assumir a forma de servo, revelando o ser profundo da trindade na economia da salvação. Sua vida, morte e ressurreição são expressões da autocomunicação amorosa de Deus, que se aproxima da humanidade, compartilha seu sofrimento e oferece um exemplo de amor incondicional. A cruz reflete o mal e a violência no mundo, mas também revela que Deus é amor. A autocomunicação de Deus é fundamental para a construção de sua essência.

Deus é essencialmente amor, que se manifesta através das três pessoas divinas. Através da entrega do Pai na geração eterna do Filho e na instituição da Eucaristia, e pelo amor do Espírito que une as três pessoas, Deus realiza um movimento de *kénosis* para a salvação e redenção da humanidade. Na encarnação de Jesus Cristo, Deus revela o seu amor ao se tornar homem e revelar a verdadeira humanidade de Deus. Através desse ato de amor, Deus se faz conhecer e possibilita que as pessoas creiam e amem. O amor divino é um encontro entre o infinito e o finito, onde ocorre uma doação mútua representada pelo amor.

Deus desce para permitir que participemos plenamente de Sua vida trinitária de amor, não apenas para responder ao pecado da humanidade ou restaurar a ordem, mas para mostrar claramente Seu amor. Jesus Cristo ensina o amor durante toda a sua vida, culminando na sua lei no mandamento do amor. Assim, a encarnação de Cristo permite que o amor infinito de Deus seja conhecido e que sua vida seja um exemplo a ser seguido por todas as gerações, mostrando que o amor se manifesta tanto na exaltação quanto no abandono, na *kénosis*.

Por conseguinte, fica evidenciada a existência do amor de Deus, que aceita o processo de auto-humilhação desde o momento da criação, que sabendo somente amar necessita do Filho e do Espírito Santo para se relacionar, e que, por meio da sua segunda *kénosis* se faz semelhante à criação para poder de fato comunicar Seu amor, para que seja crido, para que se perceba a necessidade de sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, não como forma de humilhação, mas de exaltação do próprio ser, por meio da caridade, que é amor, para que, como semelhantes a Ele, possamos ter a vida eterna.

Referências

- BÍBLIA DE JESUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI FILIUS (DF). 1870. Disponível em: < https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/index_po.htm >. Acesso em: 7 de junho de 2023.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM (DV). In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- FEINER, J. LOEHRER, M. *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica*. Vol. III/6: *Mysterium Paschale*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KOUBETCH, V. *Da criação a parúsia – linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus – uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MORBACH, C. L. *O silêncio de Deus: a teologia do sofrimento em Hans Urs von Balthasar*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.197. 2019.
- RIBEIRO, C. S. M. *Mysterium Paschale: A quenesa de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SAMPAIO, R. S. *A kénosis de Jesus como autocomunicação do pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jürgen Moltmann*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 159. 2017.
- SANTOS, E.; XAVIER, D. J. A descida do Deus Trindade – a kénosis da Trindade. *Revista de cultura teológica*, v. 16, n. 62, p. 111-123, jan./mar. 2008.
- SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática*. V. II. Petrópolis: Vozes, 2002.